



Universidade Federal de Sergipe
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de História

Reinilma Mendonça Caetano

**AS POSSIBILIDADES DIDÁTICAS DE TRANSVERSALIZAR AS
QUESTÕES AMBIENTAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

São Cristóvão, SE.

2014.2



Universidade Federal de Sergipe
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de História

Reinilma Mendonça Caetano

**AS POSSIBILIDADES DIDÁTICAS DE TRANSVERSALIZAR AS
QUESTÕES AMBIENTAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História pela Universidade Federal de Sergipe, sob orientação do Prof. Msc. Luís Eduardo Pina Lima.

São Cristóvão, SE.

2014.2

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1.HISTÓRIA E MEIO AMBIENTE	5
2. A HISTÓRIA AMBIENTAL E SEU ENSINO.....	8
2.1 O LIVRO DIDATICO E OUTRAS FERRAMENTAS	10
2.2 ALGUMAS FERRAMENTAS PARA O ENSINO	13
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	18

AS POSSIBILIDADES DIDÁTICAS DE TRANSVERSALIZAR AS QUESTÕES AMBIENTAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Reinilma Mendonça Caetano
Curso de História

Orientador: Prof. Msc. Luís Eduardo Pina Lima

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca avaliar as possibilidades didáticas de transversalizar as questões ambientais no ensino de História. Para isso, fizemos uma breve revisão sobre o processo formação do movimento ecológico e da educação ambiental no campo da História por seguido de uma análise organizacional de alguns livros didáticos utilizados na rede pública, onde buscamos perceber como a temática do meio ambiente vem sendo colocado no livro e por último, mas não menos importante, tentamos listar algumas ferramentas que podem ser utilizadas no processo de ensino de História e Meio Ambiente.

Utilizamos como ponto de partida o trabalho da historiadora Regina Horta Duarte, que em sua obra “História e Natureza”, obra que indica que as questões ecológicas têm se transformado em uma “pauta quente” nas últimas décadas. Visto que, as alterações ambientais causadas pelas ações humanas desde o início da nossa história acarretaram em problemas que afetam o nosso cotidiano e ameaçam o futuro da nossa de outras espécies.

1. HISTÓRIA E MEIO AMBIENTE.

O conhecimento sobre a história das relações humanas com o meio ambiente nos possibilita produzir uma reflexão mais profunda sobre como a ação predatória do homem através dos tempos nos tem levado a uma situação complicada. Essa reflexão por sua vez pode contribuir para que possamos tomar consciência da necessidade de se mudar de postura diante do problema que nos é posto adiante. Nesse sentido, a educação é uma ferramenta importante para criarmos cidadãos mais conscientes e críticos dos processos que a nossa sociedade articula. O papel do professor/historiador passar então fundamental nesse processo de construção de uma reflexão sobre o caminho que traçamos até aqui. Para Ely Bergo de Carvalho:

O desafio lançado para os historiadores pela educação ambiental é o de produzir uma história para o futuro. Em sala de aula deveríamos procurar construir com os alunos uma outra narrativa do passado, na qual a natureza esteja presente. Uma narrativa atenta às diferentes racionalidades e às injustiças sociais. O olhar o passado de forma diferente é justamente também contribuir para produção de um futuro diferente, socialmente mais justo e ecologicamente mais sustentável. (CARVALHO, 2011, p.8)

Em História e Natureza, Duarte (2005, p. 11) inicia a obra falando sobre um dos primeiros impasses para os avanços das causas ambientais. Para ela, ainda que o meio ambiente e sua preservação tenha se transformado em uma pauta importante, o nosso modelo econômico capitalista voltado para o consumo de bens e produtos destoa totalmente da pauta. Segundo ela, a nossa sociedade alcançou um nível de consumismo nunca conhecido por nenhuma sociedade ao longo da história, sendo assim, nesse mundo marcado pelo consumismo, os produtos são consumidos e substituídos o mais rápido possível:

Nesse nosso mundo, o adquirir os mais novos bens de consumo do mercado tornou-se um ato de prazer para as pessoas - como muito bem demonstram as mensagens veiculadas na mídia-, e muitas vezes a felicidade chega mesmo a ser identificada com o poder de comprar. (DUARTE, 2005 p.12)

Mas ao mesmo tempo em que a felicidade é identificada dessa forma, ela também é consumida como bem exemplifica Duarte:

Mas essa alegria dura muito pouco, é extremamente fugaz. Se alguém realiza o sonho de ter uma máquina fotográfica digital, vai ser quase imediatamente seduzido por um novo desejo de consumo: um computador no qual possa processar suas fotos e uma impressora na qual possa imprimi-las em um tipo de papel a ser especialmente comprado. O mesmo ocorre com celulares: o último modelo anunciado pelas mais charmosas super models - menor mais leve e que além do seu design incrível, toca música, traz joguinhos, tira fotos, filma, acessa a internet, envia mensagens e as fotografias e as imagens filmadas- faz o seu quase recém-comprado aparelho parecer um dinossauro extinto há milhões de anos. (DUARTE, 2005, p.13)

E é justamente essa obsolescência das coisas que motiva a maré de consumismo que impera sem freios na nossa sociedade contemporânea. É a partir disso que chegamos a um dos grandes primeiros impasses para as questões do meio ambiente: Em um mundo onde a economia é voltada para o mercado e o consumo de bens (sendo alguns desses produtos muitas vezes descartados pouquíssimo tempo após sua compra), como podemos viabilizar um sistema de desenvolvimento sustentável?

No final da Segunda Guerra Mundial, a Europa estava passando pelo seu processo de reconstrução por conta da destruição que as batalhas haviam provocado e, além disso, tínhamos também a emergência dos Estados Unidos da América como grande potência econômica e política, consolidando a hegemonia do sistema capitalista e o terror norte-americano frente ao medo de um avanço socialista motivado pelo alinhamento desses países europeus em reconstrução com a União Soviética, visto que isso já havia acontecido com alguns países do leste europeu. A autora aponta então que nesse contexto pós-guerra, surgem novas categorias para se pensar o mundo:

[...] presentes em discursos de grandes autoridades políticas mundiais, economistas e capitalistas: as denominações Primeiro Mundo- no qual se incluíam os EUA e os países europeus ocidentais industrializados-, Segundo Mundo- constituído pelos países industrializados comunistas-, e Terceiro Mundo, que englobava todos os países pobres e não-industrializados da África, Ásia e América Latina, também chamados de países subdesenvolvidos. (DUARTE, 2005, p.15)

Essa nova divisão do mundo aponta para um novo padrão de “desenvolvimento” onde o modelo industrial capitalista, representado pelo então “Primeiro Mundo” é posto como o modelo ideal a ser seguido tanto pelo Segundo, quanto pelo Terceiro Mundo. Segundo

Duarte (2005) essa ideia faz com que os países do Primeiro Mundo, em especial os Estados Unidos se colocassem como generosos tutores desses países pobres com objetivo de “ajudá-los” a alcançar o nível de desenvolvimento almejado. Para Duarte:

A ideia salvacionista dos países ditos periféricos como crianças a serem guiadas por adultos conscientes não era uma metáfora incomum nos discursos articuladores do argumento desenvolvimentista. O relatório da visita à Colômbia em 1950 por uma missão do *Internacional Bank for Reconstruction and Development* (Banco Internacional para Reconstrução e o Desenvolvimento) afirmava que o sucesso daquele país seria garantido se o seu povo verdadeiramente se esforçasse para salvá-lo. Tal acontecimento seria ainda um exemplo louvável a todos os outros subdesenvolvidos. Segundo o relatório, países como a Colômbia possuíam invejáveis recursos naturais, cuja exploração demandava a aplicáveis recursos naturais, cuja exploração demandava a aplicação de tecnologias modernas disponíveis no Primeiro Mundo. (DUARTE, 2005 p.17)

Essa ideia colocava os países tidos como subdesenvolvidos como uma espécie de lugar aonde a falta de preparo para gerir e explorar os recursos naturais impossibilitava o seu desenvolvimento. Nesse sentido, a ajuda dos países do “primeiro mundo/países desenvolvidos” era de suma importância para levar esses países subdesenvolvidos ao patamar de desenvolvimento desejado.

Na década de 60 essa ideia de desenvolvimento da sociedade capitalista, passa então a ser contestada com maior propriedade. Nos Estados Unidos, temos o movimento Hippie que além de todas as críticas ao modo de vida norte-americano, tentou buscar construir outros valores e práticas ligadas ao pacifismo e uma relação mais próxima da natureza.

Além dos hippies, o mundo passou por uma série de deflagração de movimentos estudantis que de modo geral criticavam um sistema de ensino retrógrado, a mercantilização da sociedade, a democracia liberal, a repressão sexual, as hierarquias, os valores burgueses, os padrões corporais, a neutralidade da ciência e tantos outros pontos que colocavam em xeque toda a amarração desse mundo “desenvolvido”. Na mesma década também houve publicações como a Primavera Silenciosa (*Silent Spring*) da bióloga americana Rachel Carson, livro que questionava o uso maciço de pesticidas na agricultura e os efeitos do mesmo sobre a saúde das pessoas e do meio ambiente.

Na década seguinte, vimos o surgimento de importantes organizações governamentais como o Greenpeace e a WWF e partidos políticos como o caso do Partido da Ecologia (Ecology Party) na Inglaterra, todos eles preocupados com a atuação do homem no meio ambiente e as suas consequências não só para o próprio meio ambiente, mas também para a vida humana na terra.

2. A HISTÓRIA AMBIENTAL E SEU ENSINO.

Como podemos ver o questionamento com relação ao modelo econômico e a exploração do meio ambiente não vem sendo questionados apenas nos últimos 10 anos, mas praticamente desde meados do século passado. Apesar das críticas, a educação, ou melhor, a escola, só atualmente vem se preocupando com maior afinco a incluir a temática do meio-ambiente nas grades curriculares de ensino. Segundo Valéria Maria Santana Oliveira (2008) em “Natureza e História” afirma que:

[...] o ensino de história era usado como instrumento ideológico do Estado e, assim sendo, a história ensinada era oficial e nela não havia espaço para a temática ambiental.

Atualmente, o panorama vem se transformando através da inserção do meio ambiente no ensino através da Educação Ambiental. A partir da década de 1970, época em que a humanidade passou a dar maior importância aos problemas ambientais ocorreu a conferência da Educação de Tbilisi (1977) que se constituiu no primeiro grande marco da consolidação da Educação ambiental em nível mundial. No Brasil, alguns momentos foram de grande relevância em termos de inserção da temática ambiental no ensino.

A Lei 6.938 de 1981 instituiu a política Nacional de Meio ambiente, sendo a primeira vez que a Educação Ambiental aparece na legislação. Na constituição de 1988, foi incorporado o conceito de desenvolvimento sustentável, no capítulo VI dedicado ao Meio Ambiente.

Já nos PCN's(Parâmetros Curriculares Nacionais), Meio Ambiente aparece como tema transversal, permeando todas as disciplinas. Assim, a história Ambiental pode e deve estar presente na sala de aula em todos os níveis de ensino. (OLIVEIRA, 2008, p.65-66)

Apesar dessa inclusão das questões do meio ambiente entre as preocupações do governo como podemos perceber com a criação dessas leis e das propostas de interdisciplinaridade e transversalidade dos parâmetros curriculares nacionais, como podemos verificar se o livro didático já se adaptou (e como se adaptou) para trabalhar com a inclusão temática?

2.1 O LIVRO DIDÁTICO E OUTRAS FERRAMENTAS.

Seguindo a nossa proposta de trabalho, realizaremos agora a análise do livro didático, tendo como base para análise os três livros do ensino médio da série “Ser Protagonista”, organizado pelos historiadores Fausto Henrique Gomes Nogueira e Marcos Alexandre Capellari, livros que junto com uma outra série de livros distribuídos pelo Ministério de Educação através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi utilizado em escolas públicas de ensino médio durante os anos de 2012, 2013 e 2014.

Na apresentação do livro, os autores afirmam que:

Um dos grandes objetivos desta coleção, portanto, é permitir que os alunos se situem historicamente na comunidade em que vivem, conheçam os diversos agentes que produziram a História e reconheçam, no presente o resultado dos processos que se desenrolam desde o passado. Processo que são múltiplos, diversos, assim como são diversos os indivíduos e grupos que se compõem a sociedade. (NOGUEIRA, CAPELLARI, 2010)

Nesse sentido, não é de se estranhar quando chegamos à conclusão de que o livro em si consegue incluir a história ambiental entre as suas páginas, mas veremos como essa temática é incluída. Para isso faremos uma breve descrição da organização estrutural do livro. Os livros são divididos por unidades temáticas, sendo que cada unidade possui duas páginas iniciais, que os autores do livro intitulam de “Abertura de unidade”. Nessas páginas de abertura de unidade nos é apresentadas imagens e textos referentes a unidade e boxe relacionando conteúdo com temas da atualidade. Após a “Abertura de unidade” temos então a página de “Abertura de Capítulo”, onde também nos são apresentados imagens relacionados

ao capítulo um pequeno box de texto sobre temas já aprendidos ou com um texto introdutório, acompanhado de uma pequena atividade. Em seguida temos o capítulo propriamente dito com o texto principal que é complementado por boxes, seções e atividades de reflexão e análise que são distribuídos por todo o capítulo. No final de cada capítulo, os livros apresentam seções especiais e atividades sendo as seções “Ontem e Hoje” que trabalham a relação entre passado e presente o “Dossiê” que aprofunda o aspecto do assunto do capítulo. No final de cada unidade temos as páginas de “Fechamento de Unidade” onde nos é apresentada a síntese da unidade, linha do tempo, as questões do vestibular e do ENEM e os “Projetos” que como afirmam os autores, propõem ao aluno compartilhar com comunidade com comunidade os conhecimentos adquiridos.

Percebemos então, que a organização do livro propõe colocar a temática ambiental dentro dos boxes ou “dossiês” onde o tema é tratado mais com uma “curiosidade” ou como uma leitura complementar que pode ser opcional por parte do professor utilizar ou não. Por outro lado, é importante falar sobre a forma interessante como os textos abordam a temática ambiental dentro dos boxes e dossiês, sendo essa na maioria das vezes muito mais interessante que o próprio texto principal de “conteúdo”, na maioria das vezes os textos dos boxes apresentam uma visão contextualizada da história, levantando questões sobre o período contemporâneo e promovendo o debate.

Outro ponto interessante e positivo com relação ao livro, ainda que não seja um tema realmente ligado à questão Ambiental é a presença da História indígena e africana, numa tentativa de diminuir o desconhecimento e reduzir os preconceitos e os estereótipos sobre essas sociedades.

Levando em conta a necessidade de trabalhar tematicamente a relação entre história e meio ambiente, nós vemos então em um quadro onde o livro didático em si, com exceção de alguns casos em que falar na temática ambiental (ainda que de modo difuso) é relevante como no caso dos Povos Egípcios e Mesopotâmicos que viviam da agricultura e tinha uma relação muito próxima com a natureza, já que dependiam dos ciclos de cheias dos rios para sobreviver ou no processo de exploração das matérias-primas nas colônias europeias na América e etc. Como é possível para o professor trabalhar a temática em sala de aula?

Elaine O. De Lima Freire (2004) indica alguns caminhos:

1. Os livros didáticos de História normalmente não abordam o meio ambiente, cabe então ao professor trazer à tona através de suas explicações a presença do meio ambiente nos textos históricos. Devem ainda ser utilizados: ilustrações pinturas, mapas, etc., para situar a natureza capturada pelo homem no tempo e no espaço.
2. Outro recurso interessante é abordar as impressões da natureza registradas em crônica, relatos de viajantes e naturalistas.
3. É pertinente, também a abordagem da devastação da Mata atlântica através dos ciclos econômicos, uma vez que sua exploração se deu com a extração do pau-brasil, em seguida o plantio da cana-de-açúcar, as lavouras de café, chegando a industrialização no século XIX e a exploração maciça de recursos naturais. (FREIRE, 2004 apud. OLIVEIRA, 2008, p.66)

Essa indicação de Freire, nos parece bastante pertinente pois demonstra uma preocupação que vai além do debate sobre a História ambiental em si. No primeiro ponto, a autora destaca a possibilidade de utilização de outras ferramentas didáticas que vão além do livro didático. Essa indicação em particular, é para nós considerada uma das indicações mais importantes feitas por Freire, pois ela dá ao professor uma liberdade criativa de buscar novas ferramentas que possibilitem ao professor cativar a atenção do aluno em um mundo onde muitas vezes o professor precisa competir pela atenção do aluno com os aparelhos celulares, as conversas paralelas, a temperatura do ambiente, o problema pessoal do aluno no mundo familiar e etc.

O segundo ponto proposto por Freire (2004, Op,Cit) sobre a utilização das impressões de sobre a natureza em crônicas, relatos de viajantes e naturalistas, também os parece interessante em sala de aula pois possibilita aos alunos terem não só uma maior proximidade com o fazer historiográfico, mas também com a “história viva”, isso é com o relato de pessoas que viveram naquele período que está sendo estudado e isso possibilita ao aluno passar entender a história como algo próximo, presente no nosso cotidiano.

O terceiro e último ponto proposto por Freire (Idem), ainda que ela considere apenas a História do Brasil no exemplo em que ela cita, pode ser também levado em consideração a outros lugares do mundo como, por exemplo, os processos de colonização no continente americano ou africano.

Para além dos exemplos citados por Freire (Ibidem), a realização de projetos, como amostra e feiras em parceria com professores de outras áreas do conhecimento como a Geografia, Biologia e Artes pode também ser uma boa forma de promover nos alunos essa conscientização ambiental e a percepção de um homem que está em si inserido no meio ambiente. Ademais, a realização de trabalhos interdisciplinares possibilita ao estudante perceber que na vida real o conhecimento não está seccionado como a escola algumas vezes faz parecer. O uso de ferramentas audiovisuais como filmes e documentários também possibilita essa conscientização e uma melhor fixação dos conteúdos.

2.2 ALGUMAS FERRAMENTAS PARA O ENSINO

Seguindo a nossa proposta didática, nessa parte do artigo falaremos um pouco sobre documentos, imagens e filmes que pode ser utilizados para inclusão da temática ambiental nas aulas de história.

A primeira ferramenta aqui tratada, para seguir melhor a periodização tradicional da história é o filme “A Guerra do Fogo”, filme de 1981 que tenta retratar um pouco da vida da humanidade na pré-história, apresentando dois grupos de homínídeos distintos que guerreiam pela posse do fogo e do território. Esse filme é interessante por apresentar dois aspectos interessantes sobre a relação entre o homem e o meio ambiente a primeira é relação entre o homem e o território em que ele habita e o segundo e talvez mais importante é o domínio do fogo que não só servia para espantar os animais a noite, mas também para melhorar o gosto e melhor conservar a carne. Esse domínio do fogo em si é importante representa um momento decisivo da história do homem. Pois a partir daí o homem passa como afirma Sérgio de Almeida Rodrigues (apud. OLIVEIRA. 2008 p.18) “a adaptar o ambiente em que vive ampliando sua ação cultural e distanciando-se da natureza, uma vez que não se encontra mais a sua mercê.”.

Sobre a antiguidade, além dos mapas para explicar a importância dos rios para as primeiras sociedades agrícolas a exemplo do Egito e da Mesopotâmia, também podem ser

utilizados em sala de aula trechos de mitos que falem sobre a relação dos Rios e sua importância para a vida daquelas pessoas. No caso do Egito, por exemplo, também pode ser utilizada a iconografia da divindade Hapi, que representava o próprio Rio Nilo. A representação iconográfica está disponível na internet e pode servir para exemplificar como essas sociedades levavam em consideração a importância desse rio para a sua subsistência, tendo inclusive o Deus Hapi como o “pai dos Deuses”.

Sobre a antiga Grécia e Roma Antiga, além de citar as divindades e sua relação com as forças da natureza, pode-se falar sobre a exploração de Roma sobre suas colônias e então citar e levar imagens de “Las Médulas”, na Espanha, uma antiga região de exploração de ouro que pertencia aos domínios de Roma e que por conta dessa ação extrativista teve sua paisagem alterada.

Sobre o período medieval podemos utilizar as ilustrações do Livro de Horas do Duque de Berry e explorar as ilustrações que representam o cultivo, a colheita, as estações do ano, a falcoaria, as caçadas e todos esses elementos que faziam parte do mundo medieval e demonstrar a relação desse homem medieval com a natureza. Nós também podemos falar sobre a visão do homem medieval/cristão, onde temos um mundo onde os animais, as plantas e tudo o que existe foi criado para servi-lo.

Sobre o renascimento e as grandes navegações é possíveis trabalhar em sala de aula com os esboços de botânica, anatomia, e os projetos de máquinas de Leonardo Da Vinci, falando assim sobre a tentativa do homem renascentista de conhecer e dominar a natureza com mais profundidade, citando, por exemplo, o ambicioso projeto de Da Vinci de produzir uma máquina que fizesse o homem voar, a busca pelo conhecimento do corpo. Também se pode trabalhar com o “O Diário de Bordo de Cristóvão Colombo” e trabalhar suas descrições sobre a fauna e a flora do novo mundo.

Sobre o descobrimento do Brasil pode-se utilizar a carta ou trechos da Carta de Pero Vaz de Caminha e contextualizar o que a carta acaba revelado sobre o período comercial em que a Europa vivia e aí pode-se falar sobre a questão do comércio de especiarias e animais. Falar sobre a visão mercantil que o texto apresenta ao mostrar o Brasil como uma terra de potenciais naturais que poderiam ser explorados economicamente por Portugal posteriormente.

Alguns documentários e filmes mais longos podem ser utilizados em amostras de vídeo promovido na escola, como o caso do documentário “A História do Mundo em 2 Horas” (2011), documentário produzido pelo History Channel que apresenta uma história geral do mundo, iniciando com o Big Bang, passando pela origem da vida na Terra e chegando até os dias contemporâneos, tentando traçar assim uma relação entre a origem do universo e a evolução humana. Além do estilo dinâmico próprio de um documentário produzido para a T.V., o documentário se apresenta como uma ferramenta interessante para ser utilizada pelo cruzamento de informações de conhecimentos de áreas tão distintas como a História, a Biologia, a Geologia, e a Astronomia. Além de mostrar a relação de exploração dos recursos naturais feita pelo ser humano durante toda história de vida do mesmo na Terra.

Sobre a História do Brasil Colonial podemos utilizar trechos da obra de autores como Capistrano de Abreu e seus capítulos de História Colonial onde ele analisa e descreve aspectos físicos do território brasileiro, descreve as formas de trato da terra, as praticas agrícolas, a aclimação de plantas e a introdução de animais trazidos pelos europeus.

Outra obra que pode ser utilizada na íntegra ou em trechos para incluir o meio ambiente nas aulas sobre a colonização do Brasil é o Livro “Duas Viagens ao Brasil” de Hans Staden (1557), obra de cunho antropológico publicada originalmente 1557 que retrata as duas viagens do aventureiro alemão ao Brasil, a obra é interessante, pois traz informações sobre a fauna e flora brasileira assim como também a vida cotidiana e as crenças dos povos que aqui habitavam.

Outra possibilidade de ferramenta para o ensino da relação entre a História do Meio Ambiente no Brasil Colonial é a utilização dos relatos e ilustrações produzidas pelos Padres Jesuítas que como indica Duarte (2005 p.59) observaram minuciosamente e registraram em desenhos e descrições minuciosas a natureza local, como no caso dos jesuítas Fernão Cardim (1540-1625) e Padre José de Anchieta (1534-1597).

As pinturas do pintor e botânico holandês, Albert Eckhout (1610-1666) são em sim outras ferramentas que podem ser utilizadas em sala de aula não somente para ilustrar os diversos grupos étnicos que habitavam o Brasil do século XVII, mas também para demonstrar

o encanto do colonizador europeu e frente a diversidade de frutos e fauna brasileira como bem ilustrou Eckhout.

Assim como Eckhout, outros artistas que pode ser utilizado para demonstrar as paisagens do Rio de Janeiro são Jean-Baptiste Debret (1768-1848) e Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830) ambos franceses que vieram ao Brasil na primeira década do século XIX na conhecida Missão Artística Francesa e que retratam em diversas telas as paisagens do Rio de Janeiro no século XIX, possibilitando assim que o professor possa junto com os alunos buscar comparar imagens do Rio antigo com o Rio contemporâneo a fim de observar as mudanças na paisagem e quais as suas causas.

Esse trabalho de comparação entre a “cidade antiga” e a “cidade contemporânea” pode ser feita também na própria cidade em que os alunos residem, uma boa proposta seria o professor procurar ou até mesmo propor aos alunos procurar na internet, na biblioteca pública ou até mesmo nas fotografias da família imagens antigas das paisagens da cidade onde mora e compará-las com imagens dos mesmos locais em sua contemporaneidade e assim perceber e analisar as mudanças promovidas pela própria ação do tempo e do homem sobre esses espaços. Ou então além das próprias das simples imagens, propor também que os alunos entrevistem com as pessoas mais velhas sobre como eram os rios, as ruas, os parques, as praças e os espaços da cidade em suas respectivas infâncias. Esse trabalho pode ser realizado dentro da própria família do aluno com seus bisavós, avós, pais, tios etc. Esse trabalho de pesquisa se torna importante não só por ajudar os alunos a perceberem as mudanças no meio ambiente e nas feições da cidade onde mora, mas também por aproximá-lo da comunidade em que vive, estabelecendo assim a percepção de que a história é feita todos os dias e em todos os lugares.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber a história ambiental ainda é um campo em ascensão no meio historiográfico, visto que a preocupação com o meio ambiente é uma preocupação relativamente recente na história da humanidade. Assim como indica Duarte (2005 p.93), apesar de alguns trabalhos de peso como o trabalho de autores que não se auto intitulam historiadores ambientais, como é o caso do ilustre representante da Escola dos Annales,

Fernand Braudel, em sua obra intitulada “O mediterrâneo”, obra em que o autor discorre sobre o mar mediterrâneo e as sociedades que viveram em seu entorno. Outros trabalhos importantes sobre o tema também são os trabalhos de outros representantes da Escola dos Annales como é o caso de Marc Bloch e suas análises sobre as práticas agrárias do mundo medieval, Georges Duby e sua história sobre a vida dos camponeses do medievo, Jacques Le Goff e seu estudo sobre o imaginário medieval sobre as maravilhas da natureza, Raymond Williams e seu estudo sobre as relações entre o campo e a cidade a partir de fontes literárias. Keith Thomas e o seu trabalho sobre as relações entre os homens e o meio natural na Inglaterra Moderna, podemos perceber então que muito ainda precisa ser pesquisado, sobre essa relação entre o homem e o próprio meio em que habita.

Percebemos também que a deficiência ou talvez a falta de sensibilidade dos historiadores para compreender que a História vai muito além de uma ciência que pesquisa/estuda sobre o protagonismo das ações humanas no tempo, mas sim de uma ciência que pesquisa/estuda os processos e as relações humanas com o próprio ser humano e também com todos os seres vivos e como o meio ambiente em que ele está inserido; dificultou o processo de inclusão do meio ambiente não só no livro didático, mas também no campo da pesquisa histórica.

Nós entendemos que apesar dos livros didáticos, muitas vezes não contemplarem a temática da forma como deveria ser abordando, isso é dentro do conteúdo e não simplesmente como uma simples “curiosidade”, existe sempre a possibilidade do professor através da sua independência e sua vontade buscar, de modo criativo, por novas ferramentas que possibilitem a inclusão da temática ambiental no ensino de história. Sendo, assim reafirmamos novamente a importância do professor no processo de ensino e aprendizagem, não apenas o colocando como protagonista ou mero reproduzidor de um discurso que deve ser memorizado pelos alunos dentro do processo, mas reafirmando o seu papel no processo de busca de novas ferramentas e fontes que possibilitem aos alunos o acesso ao conhecimento da História e da História Ambiental.

REFERÊNCIAS.

DUARTE, Regina Horta, **História e Natureza**. Belo Horizonte-MG, Autentica Editora, 2005, 111p

OLIVEIRA, Valéria Maria Santana. **Natureza e História**. São Cristóvão-SE, Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009, 138 p.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.

HAPI. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2015. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hapi>>. Acesso em: 21 fev. 2015 às 15h32minh.

PITTA, Valter. **Las médulas- Minas de Ouro Romanas**. 19 de Março 2010. Disponível em: <<http://imperialroma.blogspot.com.br/2010/03/las-medulas-minas-de-ouro-romanas.html>>. Acesso em 21 fev. 2015 às 15h32minh.

CARVALHO, Ely Bergo de. **UMA HISTÓRIA PARA O FUTURO O DESAFIO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PR AO ENSINO DE HISTÓRIA**. 2011. Disponível em:<http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=11916>. Acesso em 15 fev. 2015 às 10h15minh.

FONTES.

NOGUEIRA, Fausto Henrique Gomes. CAPELLARI, Marcos Henrique. (Orgs) **História/ Ser Protagonista. Vol.1**. São Paulo-SP. Edições SM, 2010, 303 p.

NOGUEIRA, Fausto Henrique Gomes. CAPELLARI, Marcos Henrique. (Orgs) **História/ Ser Protagonista. Vol.2**. São Paulo-SP. Edições SM. 2010, 360 p.

NOGUEIRA, Fausto Henrique Gomes. CAPELLARI, Marcos Henrique. (Orgs) **História/ Ser Protagonista. Vol.3**. São Paulo-SP. Edições SM, 2010 312 p.